

# ENTREVISTA COM JAVIER TORRE

ANA CLÁUDIA RÖCKER TRIERWEILLER

Universidade Federal de Santa Catarina  
anarocker@yahoo.com.br

Javier Torre, diretor de cinema argentino, roteirista, ator, produtor e cenógrafo. Entre seus trabalhos destacam-se: *Un amor de Borges* (*Um amor de Borges*) (2000, roteiro e direção), *El juguete rabioso* [O brinquedo raivoso] (1998, roteiro e direção), *Lola Mora* (1995, roteiro, direção e produção), *Fiebre amarilla* [Febre amarela] (1983, adaptação e direção), *Las tumbas* [Os túmulos] (1991, roteiro e direção); *El camino de los sueños* [O caminho dos sonhos] (1993, roteiro e direção), *La mafia* [A máfia] (1972, roteiro), de *Queridas amigas* (1980, cenografia). Atuou também como ator em *Piedra Libre* [Pedra livre] (1976).

**Ana Cláudia Röcker: O que te levou a escolher um texto biográfico de Borges, escrito por Estela Canto?**

**Javier Torre:** Estela Canto foi uma figura muito famosa na Argentina, porém no final da vida estava completamente à margem do cenário cultural, em uma espécie de ostracismo, muito sozinha; ela foi afastada da opinião pública por certos grupos literários. A Argentina é um país onde os grupos literários exercem um grande poder. Estela, já idosa, vivia totalmente retirada. Há dez anos um amigo comum me levou para conhecê-la. Então, numa tarde, fui visitar Estela em um apartamento numa região que já não podia

ser considerada de categoria em Buenos Aires, e assim começamos nossa amizade. Me tratou carinhosamente, foi muito cordial comigo, voltou a me convidar e tomamos chá juntos. Foi quando me disse que estava escrevendo um livro para que eu fizesse um filme; muito simpática a maneira como falou, bom, o livro era *Borges a contraluz*, um livro de memórias que ela escreveu sobre Borges e que foi publicado pouco tempo depois, cerca de dois ou três anos, e quando o livro saiu, eu pensei, chegou a hora de fazer uma pequena homenagem. Estela já havia falecido, abandonada. Foi devido à simpatia desta mulher que nasceu o filme.

**A. C. R.: Como você chegou ao roteiro final?**

**J. T.:** Eu tomei algumas partes do livro da Estela, mais depois trabalhei com outros textos, especialmente com um livro, *Borges, una biografía literaria*, do crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal. O livro é extraordinário, e lendo este livro, que eu recomendo, captei algo interessante que coloquei no filme. Como Borges constrói o Aleph, na relação com Estela e como ele vai, digamos, elaborando, como neste momento de sua vida, ele escreve este conto tão maravilhoso, e isso está explicado por Monegal. Então, para mim, lendo este livro, que é muito importante, me apaixonei pela possibilidade de contar como se conta um conto, ou melhor, contar como se desenvolve um conto, me pareceu uma idéia muito atraente, isto do ponto de vista intelectual, talvez não seja uma idéia muito cinematográfica, porque é algo que interessa a literatos, críticos ou escritores. Bem, eu me identifiquei com esse livro do Monegal, e através dele estruturei como Borges se relaciona com o Aleph, com a época peronista, com sua mãe; ali estão todos esses dados, para mim esse livro foi muito útil.

Comecei também, junto com uma colaboradora, a investigar em ensaios, reportagens e notas, tudo que havia sobre Borges nessa época. É muito difícil fazer Borges falar, captar sua linguagem coloquial. Então trabalhamos pedacinho por pedacinho os fragmentos de diálogos de Borges, praticamente tudo que Borges fala no filme, alguma vez ele realmente falou, posso dizer que o que Borges fala no filme foi tirado de algumas de suas declarações em entrevistas, e não foi escrito por mim, foi um trabalho de ourivesaria, de ir armando os diálogos; por isso no filme as falas de Borges são tão ricas, porque são textos do próprio Borges, foi uma reconstrução.

**A. C. R.: Por que uma biografia e não uma adaptação de um dos contos de Borges?**

**J. T.:** Borges foi muito adaptado para o cinema, contudo, em geral, não tiveram muita sorte os filmes sobre os contos de Borges.

Seja como for, me interessava entrar no que se chama de micro-história do personagem, entrar numa escola misteriosa, de um dado pessoal não-público, ou melhor, pouco público. Borges se torna famoso nos anos sessenta, quando já estava com sessenta e um anos, então se torna uma celebridade. Até os sessenta e um anos Borges, primeiro é pouco conhecido, depois

conhecido por uma minoria muito especial e depois pelos críticos. Pareceu um desafio para mim contar a vida de um homem cuja vida adulta estava na sombra, e através de uma história de amor; eu gosto muito das histórias de amor.

Entrar por uma porta secreta para me aproximar de dados que não eram totalmente públicos, mas que fazem uma história cinematográfica. O interessante é que o cinema pode captar o que algumas vezes os historiadores e críticos não captam ou não buscam.

**A. C. R.: Como você avalia seus filmes?**

**J. T.:** *Lola Mora* é a biografia de uma escultora, uma grande celebridade na Argentina, é a história de uma mulher muito perseguida. Este é o meu filme preferido, de todos os meus filmes é o que eu mais gosto. Muito complexo de produzir, porque foi filmado na Itália e na Argentina, teve um êxito enorme, foi um filme que mudou a minha vida, e foi curiosamente nas filmagens, em 1995, que pensei fazer o filme sobre Borges. Logo eu fiz duas adaptações de romances, uma *Las tumbas*, de Enrique Medina, foi inclusive candidata ao Oscar na Argentina, e *Juguete rabioso*, de Robert Arlt; um e outro são romances muito diferentes. E aí surge sempre o tema das adaptações, o que é uma adaptação cinematográfica? Em que momento o autor toma ou é tomado por um filme, ou um filme toma um romance, o transforma, eu acredito que é um tema muito debatido, não? Mas digamos que o que se capta para fazer um filme é uma imagem, uma idéia, e a partir dessa idéia inspiradora se abre um leque de possibilidades.

Eu gosto das adaptações livres, que permitem ao diretor um fluxo imaginativo. Também eu adaptei a mim mesmo, uma vez, um conto que eu havia escrito, “Camino de los sueños”, e também traí a mim mesmo, enquanto diretor, necessitamos traír o autor, o diretor é um grande traidor.

**A. C. R.: Como você situa o filme *Um amor de Borges*, como se deu a construção do personagem principal?**

**J. T.:** Bom, eu acho que é um filme difícil de situar, não? Primeiro porque o personagem que trata está mais além de todos os limites. É um personagem muito difícil, foi um risco muito grande para mim, se o filme tivesse saído mal, ou não tivessem gostado, seria o meu fim, e eu sabia disso.

Eu poderia errar com um romance, sobre um romance não tão importante, com algo meu, mas com Borges não, ele é um mito. Além do mais, cada pessoa tem sua idéia de Borges, é ainda mais complicado, porque cada grupo na Argentina defende um Borges diferente, o Borges liberal, o Borges que no final foi progressista, o Borges afrancesado, o Borges inglês, feminista, machista ou gaúcho, enfim, cada um defende um Borges. Até cada geração, bom a minha, quando eu tinha vinte anos odiava a Borges, depois veio o amor incondicional, agora é como a universalização de Borges.

Depois, estão os grupos María Kodama, os anti María Kodama, o grupo do jornal *La nación*, o grupo do *El Clarín*, há alguns até que defendem a

devolução do cadáver de Borges para a Argentina. E isso tudo é normal, ele é um mito muito grande, e eu sabia que conseguir aliar todos esses grupos seria impossível, e se eu fizesse isso mal, seria minha ruína. Por sorte, o filme teve uma aceitação muito boa, gostaram muito na França, ganhou todos os prêmios por lá, foi comprado por uma rede de TV na França, por uma soma nunca antes paga por um filme argentino. Isso me ajudou muito, e criaram como a sensação de que se gostaram na França, teriam que gostar em todos os lugares.

**A. C. R.: Como foram os resultados financeiros *Um Amor de Borges*?**

**J. T.:** O resultado financeiro na Argentina não foi bom, mas no exterior foi extraordinário, um filme que me fez rico; eu fiquei rico com *Lola Mora*, depois pobre com o segundo, e agora estou bem outra vez. Os diretores, produtores de cinema são como jogadores de corridas, às vezes ganham e em seguida perdem. Tudo foi muito bem, graças à Europa, e agora vou vender nos Estados Unidos, mas já não faço filmes para ganhar dinheiro, se ganho estou grato, mas se não, também.

**A. C. R.: Como você escolhe sua equipe de trabalho?**

**J. T.:** Eu não quero ser pedante, mas sou câmera, maquiador, diretor de arte, produtor, eu conheço muito bem o ofício do cinema. Gosto muito do que faço, trabalho desde os dezesseis anos, não é que eu trabalhe sozinho, tenho sempre uma boa equipe, minha experiência me ajuda a escolher gente que trabalha bem, trabalho com jovens; nesse filme do Borges, por exemplo, o diretor de fotografia fez seu primeiro trabalho em cinema, já a diretora de arte sempre trabalha comigo, é uma diretora muito importante na Argentina. A arte nos filmes me interessa muito, sou muito cuidadoso com os detalhes, a gama de cores, a composição dos quadros; gosto da fotografia, me dá muito prazer trabalhar a estética no cinema.

### **Borges no Brasil**

Borges gostava muito do Brasil, é uma coisa que as pessoas não sabem, ou sabem pouco. Inclusive no tempo em que transcorre o filme, Borges passava seus verões em uma estância no norte do Uruguai, em Morín, na fronteira entre o Brasil e Uruguai. Passava muito tempo ali, onde escrevia cartas para Estela Canto; ele tinha certo magnetismo com o Brasil, dizia que era judeu-português. Seria muito interessante estudar a relação de Borges com o Brasil.

Bom, o que ocorreu com o filme no Brasil também foi muito forte, ninguém conhecia o filme, e no festival de Gramado ganhou todos os prêmios: melhor filme, melhor ator, prêmio da crítica. Depois estreou em todos os lugares, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba; no Rio de Janeiro ficou dezesseis semanas em cartaz. No Brasil foi tudo muito positivo.